

A Clínica do
Apego

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M538 Mendes, Marco Aurélio.

A clínica do apego : fundamentos para uma psicoterapia afetiva, relacional e experiencial / Marco Aurélio Mendes. —
Novo Hamburgo : Sinopsys Editora, 2021.

264 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5571-031-1

1. Psicologia. 2. Comportamento de apego. 3. Psicoterapia I.
Título.

CDU 615.851

MARCO AURÉLIO MENDES

A Clínica do Apego

FUNDAMENTOS PARA UMA
PSICOTERAPIA AFETIVA,
RELACIONAL E EXPERIENCIAL



2021

© Sinopsys Editora e Sistemas Eireli, 2021.

Supervisão editorial: *Ricardo Gusmão*

Editora: *Paola Araújo de Oliveira*

Assistente editorial: *Vitória Duarte Martinez*

Capa: *Márcio Monticelli*

Preparação de originais: *Danielle Zuma*

Editoração: *Maurício Luís Coelbo*

Todos os direitos reservados à

Sinopsys Editora

(51) 3066-3690

atendimento@sinopsyseditora.com.br

www.sinopsyseditora.com.br

AUTOR

Marco Aurélio Mendes é psicólogo, psicoterapeuta, professor e mestre em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). *Trainer*, supervisor certificado e terapeuta certificado reconhecido pela Sociedade Internacional de Terapia Focada nas Emoções (ISEFT). Obteve a certificação completa em Terapia Focada nas Emoções diretamente com o criador da abordagem, Dr. Les Greenberg. Terapeuta cognitivo certificado pela Federação Brasileira de Terapias Cognitivas (FBTC) e diretor da Associação de Terapias Cognitivas do Rio de Janeiro (ATC-Rio). Diretor do Instituto Brasileiro de Terapia Focada nas Emoções e Psicoterapias Integrativas (TFE Brasil).

AGRADECIMENTOS

Escrever agradecimentos é algo da ordem do impossível. Sinto-me agora tomado pela insegurança e receio de machucar alguém que não esteja contemplado aqui. Vou, então, mencionar apenas algumas pessoas específicas para não correr muitos riscos, esperando que aqueles não mencionados, se sintam de alguma forma presentes através das linhas deste livro, pois parte importante de quem sou é resultado de cada pessoa que esteve presente em minha vida.

Primeiramente, quero agradecer à minha companheira Márcia Bruno, parceira de longa data. Amiga, amante, sócia, cuidadora e leal escudeira de todas as horas. Figura de apego ímpar que me permitiu a flexibilização da minha própria rigidez e insegurança interna e me incentivou na aventura e no risco de escrever esta obra e de partilhar o meu aprendizado com outros colegas psicólogos em nossos treinamentos por meio do TFE Brasil.

Minha filha Luísa, que me ensinou e ensina o que é ser pai. Que me permitiu praticar aquilo que eu só conhecia teoricamente e assim verificar como é difícil ser um bom cuidador para alguém. Obrigado por me colocar diante dos meus erros e acertos, trazendo alegria e frescor à minha

vida. João Pedro, filho do coração, que me escolheu como referência afetiva em sua vida.

À minha família nuclear, pai, mãe e irmã, que com todas as dificuldades me fizeram ser quem sou e como sou: humano e imperfeito.

Aos clientes que dividem suas dores e alegrias comigo. Muito obrigado por me escolherem para estar com vocês nessa caminhada difícil que é olhar para dentro de si de verdade, encontrando tudo o que nos orgulha e envergonha, mas que faz parte inevitável de quem somos.

Aos meus colegas de profissão e amigos, que me ensinam e fazem com que eu também me escute, aprendendo a cada dia. Aos meus “alunos”, meus verdadeiros professores.

À amiga Dra. Nicolle Zimmermann, pelo auxílio no capítulo sobre memória.

Aos profissionais e colegas do TFE Brasil, verdadeiros construtores de conhecimento e afeto.

Ao Dr. Les Greenberg, meu agradecimento mais que especial pela mentoria e amizade.

APRESENTAÇÃO

O livro *A clínica do apego: fundamentos para uma psicoterapia afetiva, relacional e experiencial*, escrito pelo competente colega e amigo Marco Aurélio Mendes, é de extrema importância tanto pela temática apresentada quanto por tratar de forma tão clara de uma teoria de extrema relevância dentro da psicologia do desenvolvimento. Contudo, a obra também tem destaque especial por integrar a ampla experiência que o autor tem nos vários anos de prática clínica, bem como por compreender parte da sua formação eclética e rica em técnicas. Nas palavras do autor, paradoxalmente, o objetivo primordial deste livro é ajudar a formar terapeutas, de todas as orientações teóricas, menos tecnicistas e mais humanos.

A Teoria do Apego foi desenvolvida por John Bowlby, um psiquiatra inglês, que, no início, teve seu trabalho questionado por não se enquadrar nos padrões de pensamento vigentes na época. Apesar de nos livros de história da psicologia ser classificado como um psicanalista em seu tempo, era considerado um estranho no ninho entre os estudiosos na década de 1970. Mais tarde, teve a importância de seu trabalho devidamente reconhecida e, atualmente, é um dos autores mais influentes no trabalho com abordagens clínicas contemporâneas, tais como a terapia focada nas emoções e a terapia do esquema.

Bowlby trouxe uma visão pioneira para o entendimento da maneira como se estabeleciam os vínculos entre mães e bebês. Por ser um visionário, observou no estudo com animais um campo profícuo para compreender as emoções e os comportamentos humanos. Graças ao seu trabalho, podemos conhecer muito sobre a maneira como o ser humano constrói laços com outros indivíduos e reage às experiências de perda e de separação. O teórico descreveu com muita sensibilidade e acurácia a propensão que o ser humano tem para, muito precocemente, procurar se colocar próximo daqueles indivíduos percebidos como cuidadores, a fim de receber proteção e segurança. Apesar de observarmos tal comportamento em outros mamíferos, especialmente os primatas não humanos, podemos notar que o ser humano é o animal com a infância mais longa entre todas as espécies e, também, uma das que mais precisa de cuidados e proteção nos primeiros anos de vida.

Parceira no desenvolvimento da Teoria do Apego, a psicóloga canadense Mary Ainsworth descreveu conceitos como apego seguro e porto seguro, entre outros, que foram fundamentais para que a teoria ampliasse sua capacidade explicativa e, de certo modo, ganhasse maior respeitabilidade acadêmica. A ela também é atribuído o trabalho com a pesquisa experimental e observacional com crianças, o que trouxe, posteriormente, respaldo científico para as ideias de John Bowlby. Atualmente, tais pensamentos pertencentes à teoria têm sido empregados no campo da psicologia clínica e estão mais atuais do que nunca. Ao escrever uma obra que contempla sua experiência clínica e aborda tais conceitos de maneira integrativa, Marco Aurélio Mendes torna a leitura extremamente rica e convidativa.

Assim, este livro está essencialmente dividido em duas partes. Na primeira, a teoria é descrita de forma bastante didática, apresentando os conceitos e a justificativa para o uso desse tipo de linguagem e entendimento no contexto do desenvolvimento humano e da psicoterapia. Nela estão incluídos seis capítulos, nos quais são apresentados o histórico da teoria e a biografia dos principais autores relacionados a ela. Ainda nessa primeira parte, há uma rica discussão de ideias de autores contemporâneos que propõem olhares atuais sobre antigos axiomas. Já na segunda

parte do livro, o leitor é gentilmente conduzido à prática, naquilo que Marco Aurélio chama de processo experiencial integrativo. A articulação que costura a Teoria do Apego às abordagens psicoterápicas atuais é de muito fácil leitura e entendimento, oferecendo ao leitor muitas ideias de como trabalhar com as emoções no contexto da clínica psicológica. Desejo a todos uma excelente e agradável leitura e estudos!

Wilson Vieira Melo

*Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e pela University of Virginia (Estados Unidos).
Presidente da Federação Brasileira de Terapias Cognitivas
(Gestões 2019-2021 / 2021-2023)*

PREFÁCIO

Foram 7 longos anos. Dividido entre as minhas atividades acadêmicas como professor, psicoterapeuta, eterno estudante, pai, marido, filho, amigo, fui encontrando pequenas janelas de tempo que me permitiram escrever este livro. Depois desta gestação demorada, percebo agora o quanto a escrita me possibilitou organizar o conhecimento para mim mesmo, o qual irei apresentar para você, caro leitor.

A Teoria do Apego tem suas origens no trabalho do psiquiatra inglês John Bowlby e da psicóloga canadense Mary Ainsworth. Apesar de já ter aproximadamente 60 anos, a teoria é considerada o "novo" paradigma da psicologia do desenvolvimento por buscar um olhar integrativo e sistêmico entre diversas disciplinas, procurando se afastar de termos e conceitos pouco precisos, tão comuns de se observar no campo da psicologia. Mesmo não sendo uma teoria sobre psicoterapia, conhecer a obra destes autores e de outros colaboradores mais recentes nos permite entender sobre o que é esperado no desenvolvimento humano e como as emoções se organizam em conjunto com os vínculos duradouros com pessoas significativas que vamos construindo ao longo da nossa vida.

Por esse motivo, a Teoria do Apego acabou se tornando a psicologia do desenvolvimento na qual modelos contemporâneos de psicoterapia se fundamentam para compreender o funcionamento humano e, assim, guiar as suas intervenções. Esse é o caso, por exemplo, da terapia focada nas emoções, da terapia do esquema, da terapia dialética, entre outras. Mesmo modelos mais conhecidos, como a terapia cognitivo-comportamental e as abordagens corporais, têm revisto a sua forma de atuar, devido à influência da Teoria do Apego. Bowlby pode ser considerado também como um dos principais responsáveis pelas revisões mais recentes propostas pela psicanálise contemporânea.

John Bowlby foi um visionário ao perceber no estudo dos animais um campo frutífero para a compreensão das emoções e comportamentos humanos, especialmente a maneira como construímos laços com outros indivíduos e reagimos às experiências de perda e separação. Observou com muita perspicácia a propensão que temos para buscar estar próximos, desde cedo, de figuras cuidadoras que possam nos fornecer proteção e segurança. Esta aproximação fez a influência do cuidador sobre a criança passar a ser inigualável nos seres humanos, em comparação com outras espécies. Ao mesmo tempo que somos os mamíferos mais despreparados quando chegamos ao mundo e totalmente dependentes de alguém que possa nos regular, somos aqueles com maior propensão à aprendizagem e ao desenvolvimento de novas capacidades.

Mary Ainsworth descreveu conceitos fundamentais para que a Teoria do Apego ampliasse o seu caráter explicativo. Foi ela também quem possibilitou a pesquisa experimental e observacional com crianças, trazendo respeitabilidade acadêmica para as ideias de Bowlby.

O estudo das necessidades humanas, já presente na obra de autores humanistas como Maslow e Rogers, passou a ganhar um toque evolucionista com a obra de Bowlby e Ainsworth. A valorização do contato e da aproximação entre os bebês e seus cuidadores gerou uma série de necessidades que, por sua vez, acabaram por reforçar esses mesmos laços. Não se trata somente de alimentação nem apenas proteção e segurança. As necessidades de carinho, contato, reconhecimento, espontaneidade e validação fornecem a estrutura necessária para o desenvolvimento saudável, proven-

do um senso interno de segurança e identidade, e uma qualidade adequada na capacidade de confiança, com impactos duradouros na resiliência dos indivíduos.

Apesar da ênfase na infância e da importância das relações primárias na sua constituição, o sistema de apego se estende por toda a vida. Ele é o sistema afetivo-comportamental primordial, porém não é o único. Este talvez seja um dos grandes pecados dos que criticam a Teoria do Apego. Achar que ela é a teoria apenas do sistema de apego quando, na verdade, existem vários outros sistemas que influenciam o sistema de apego e são influenciados por ele.

A Teoria do Apego nos auxilia também na compreensão dos seres humanos como organismos biopsicossociais. A qualidade do cuidado na infância tem impacto na fisiologia, na personalidade, no comportamento, no bem-estar físico e psicológico e na maneira como nos relacionamos com outros indivíduos e seres vivos. Por sua vez, a cultura e as condições socioeconômicas também impactam na qualidade do vínculo de apego formado.

O psicoterapeuta que consegue auxiliar o seu cliente a reconstruir os sistemas de significados que foram se formando ao longo de toda a vida, possui um papel político proeminente na sociedade. A psicoterapia se torna um instrumento da mudança. Por meio da relação com o psicoterapeuta, a pessoa pode mudar a maneira de se relacionar com os outros, consigo mesma e com as gerações futuras, desconstruindo padrões antigos e rígidos. Assim, é possível quebrar o caráter transgeracional das relações afetivas, que tende a ocorrer quando eu trato o outro a partir da forma como eu mesmo fui tratado. O psicoterapeuta pode oferecer novas maneiras de estar e ser com o outro, que sejam um antídoto a esses padrões. É claro que a psicoterapia tem uma especificidade para este tipo de trabalho, mas outras pessoas também podem ocupar essa função, como professores, amigos, amores, entre outras. Conhecer e experienciar como os vínculos de apego são formados e transformados, atuando nesse sentido, é, portanto, uma tarefa verdadeiramente revolucionária. Uma revolução que não quer derrubar, nem dominar. Uma revolução sem armas, centrada na valorização das pessoas, das relações, dos afetos e das emoções.

O objetivo central deste livro, portanto, é apresentar a Teoria do Apego clássica de Bowlby e Ainsworth, bem como a contribuição de autores contemporâneos. Além disso, quero convidar o leitor a conhecer minha compreensão da Teoria do Apego como referência teórica para uma psicoterapia guiada pelas relações, pelos afetos, pelas emoções e pelas experiências. Assim, irei descrever os conceitos clássicos e contemporâneos, mas irei também erguer comentários específicos e construir novas nomenclaturas que façam mais sentido com essa ideia. O livro pode ser lido e compreendido por profissionais de diferentes abordagens de psicoterapia.

Em função disso, a obra está dividida em duas partes. A primeira refere-se aos aspectos teóricos. Ela inclui os seis primeiros capítulos, nos quais traço o histórico da teoria, falo sobre a vida dos autores principais, articulo e explico os conceitos tradicionais. Ainda nessa primeira parte, apresento a obra de autores contemporâneos que lançam novos olhares e ajudam a entender antigas ideias. A segunda parte do livro refere-se à prática. Quero que o leitor conheça, com mais detalhes, como eu articulo a integração entre a Teoria do Apego e abordagens de intervenção em psicoterapia, no que chamo de processo experiencial integrativo.

O destaque para articular teoria e prática tem sido a tônica dos *workshops* que venho oferecendo por meio do meu instituto, o Instituto Brasileiro de Terapia Focada nas Emoções e Psicoterapias Integrativas (TFE Brasil). Começando com um pequeno grupo de colegas próximos que me incentivou a realizar o primeiro *workshop* há alguns anos, tenho apresentado este trabalho em diversas capitais do Brasil. Convido-o a visitar nosso *website* (tfebrasil.com.br) para conhecer a agenda de *workshops*, simpósios e cursos.

Para mim, valeram muito a pena as noites de sono mal dormidas e o grau de miopia aumentado depois de todo este tempo. Meu maior desejo é que este livro contribua, de alguma maneira, para a formação de terapeutas menos tecnicistas e mais humanos.

Marco Aurélio Mendes

SUMÁRIO

1 PERDAS E VÍNCULOS, VIDA PESSOAL E A PERSPECTIVA SISTÊMICA DE JOHN BOWLBY	19
2 A ETOLOGIA COMO DISCIPLINA ESSENCIAL: O SISTEMA DE APEGO.....	37
3 MODELOS INTERNOS DE FUNCIONAMENTO: DO AFETO À COGNIÇÃO.....	65
4 MARY AINSWORTH, A COAUTORA: ESTILOS DE APEGO, SENSIBILIDADE AFETIVA, BASE SEGURA E PORTO SEGURO.....	97
5 SISTEMAS AFETIVO-COMPORTAMENTAIS: INDO UM POUCO MAIS ALÉM.....	113
6 TEORIA DO APEGO AO LONGO DA VIDA	139
7 A CLÍNICA DO APEGO: FUNDAMENTOS PARA UMA PSICOTERAPIA EXPERIENCIAL E INTEGRATIVA	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	263

1

PERDAS E VÍNCULOS, VIDA PESSOAL E A PERSPECTIVA SISTÊMICA DE JOHN BOWLBY

Os méritos de uma teoria científica devem ser julgados em termos da gama de fenômenos que ela abrange, da consistência interna da sua estrutura, da precisão das previsões que formula e da viabilidade de testá-las.
(Bowlby, 1990, p. 214)

Breve histórico

No início do século passado, Freud e a psicanálise revolucionaram o pensamento vigente em relação ao papel da infância, relacionando a saúde mental na vida adulta aos primeiros anos de vida. Por sua vez, os behavioristas encabeçados por Watson criticavam as teorias psicanalíticas, creditando o comportamento humano aos processos resultantes da aprendizagem e associações, descartando quaisquer referências à mente ou aos aspectos subjetivos, buscando a transformação da psicologia em uma disciplina estritamente científica e nos moldes das ciências naturais, como a física e a

biologia. Foi em meio a essa disputa teórica que o psiquiatra e psicanalista inglês John Bowlby iniciou seu percurso revolucionário e de importância central para a psicologia do desenvolvimento contemporânea.

Apesar das diferenças, disputas e discussões teóricas, tanto psicanalistas quanto behavioristas tinham a satisfação das necessidades fisiológicas como ponto comum para a explicação da formação de laços ou vínculos afetivos duradouros entre os indivíduos, como a alimentação na infância e o sexo na vida adulta. A criança, por exemplo, possuiria motivações, especialmente as relacionadas à alimentação, que seriam satisfeitas pela mãe. A forte ligação seria resultante da associação/descoberta pela criança de que a mãe é a fonte da sua satisfação (Bowlby, 1990).

A partir dessa experiência central, Freud formulou uma teoria do desenvolvimento psicosssexual de como seríamos movidos instintivamente pela busca do maior prazer possível em vida. Nem sempre esses impulsos seriam aceitos pela consciência, sendo reprimidos e dirigidos ao inconsciente. Behavioristas encabeçados por Watson, por sua vez, consideravam que a associação entre o prazer e a satisfação da criança poderia torná-la mimada e dependente, alertando para as consequências que o “excesso” de afeto e carinho poderiam gerar, criando dificuldades para que ela pudesse desenvolver hábitos saudáveis no futuro (Watson & Watson, 1928).



Sigmund Freud.

Mesmo considerando a psicanálise a abordagem mais rica e recompensadora para a compreensão do comportamento humano pelos clínicos, Bowlby (1990, 1997) criticava a obscuridade dos conceitos psicanalíticos e a impossibilidade de aplicação do método científico para a testagem de hipóteses nesse modelo, afirmando ainda que a noção de energia psíquica e de outros conceitos psicanalíticos como, por exemplo, o de pulsão, não eram suficientes para o entendimento dos processos observados na prática clínica, além de não se ade-

quar a uma observação mais criteriosa e científica. Em contrapartida, mesmo reconhecendo a cientificidade e o rigor das teorias da aprendizagem behavioristas, considerava-as incapazes de explicar as emoções e os sentimentos humanos, bem como as motivações inconscientes do comportamento, tão presentes em seu trabalho como clínico.

O trabalho ao qual Bowlby (1990, 1997) dedicou praticamente toda a sua vida profissional foi a construção de uma nova teoria explicativa da natureza das relações afetivas e do comportamento humano. A partir do estudo e da observação das perdas e da formação dos vínculos primários entre as crianças e as figuras cuidadoras, Bowlby procurou rever as hipóteses teóricas da psicanálise sobre o desenvolvimento infantil. Apesar dos efeitos das experiências de luto, perda e separação em crianças e a importância dos vínculos adequados para o desenvolvimento saudável já terem sido descritos por outros pesquisadores, como Spitz (1946, 1951), a diferença de Bowlby foi justamente a busca de uma explicação coerente, sem recorrer a conceitos impossíveis de serem comprovados cientificamente na época.

Foi por meio da integração da psicanálise às teorias de aprendizagem, aos modelos decorrentes do evolucionismo, da etologia e do comportamento animal, bem como os estudos observacionais com bebês, que a Teoria do Apego foi sendo grativamente construída (Bretherton, 1992; Bowlby, 1988a).

O que as décadas seguintes se encarregaram de demonstrar foi a evidência e a força da Teoria do Apego, que acabou por se tornar o paradigma contemporâneo da psicologia do desenvolvimento, sendo altamente corroborada por diferentes estudos neurocientíficos atuais (Beckes, Coan, & Morris, 2013; Carter, 2014; Porges, 2011).

Para tanto, Bowlby contou com a importante contribuição de Mary Ainsworth, considerada por muitos, inclusive por ele próprio, coautora da Teoria do Apego (Bowlby, 1988d). Por meio de experimentos simples e impactantes, as pesquisas de Ainsworth permitiram a observação e a classificação da qualidade da relação entre as mães e seus filhos, o que levou à constituição de novos conceitos, como o de base segura, porto seguro e sensibilidade materna (Van der Horst, 2011).

As boas perguntas e as dúvidas fazem parte do dia a dia dos pesquisadores. No caso de Bowlby (1990, 1997), a construção de sua teoria foi a resposta para a pergunta que tanto lhe afligia e que se apresenta de forma tão eloquente em seus textos iniciais: como explicar a natureza dos fortes vínculos afetivos entre as crianças e suas mães sem perder a objetividade científica, sem recorrer a modelos baseados em conceitos excessivamente obscuros e ao mesmo tempo aproveitando o aprofundamento proporcionado apenas pela escuta psicanalítica?

Vida e obra em interação

Vida pessoal e a escolha do tema ou objeto de estudo se misturam e, muitas vezes, se confundem na história dos grandes nomes da ciência. Uma das grandes marcas do pensamento de Bowlby – a ênfase da etiologia das desordens emocionais nas experiências reais da infância e não nas fantasias – talvez tenha origem nas suas próprias dificuldades.

O autor foi o quarto filho de uma família tradicional inglesa de seis crianças. Seu pai era um médico bem-sucedido que só via seus filhos aos domingos e feriados. Como de praxe nas famílias abastadas da época, as crianças eram cuidadas por babás e o pequeno John tinha uma babá para se dedicar exclusivamente a ele. Por sua vez, a mãe só via o filho John em torno de uma hora por dia, no horário do chá da tarde. A babá, que era então a referência afetiva do pequeno John, saiu de sua casa quando



Família tradicional de classe alta inglesa.

ele tinha apenas 4 anos de idade, sendo, segundo ele próprio, uma perda muito significativa e dolorosa (Bowlby, 2017). Posteriormente, Bowlby entrou em uma escola interna, separando-se da família. Essa situação foi descrita por ele como uma das experiências

mais aterrorizantes da sua vida. Aos 11 anos, houve a perda de outra figura importante, seu padrinho, que morreu precocemente (Metcalf, 2010). Temas como separação e perda, portanto, não eram apenas construtos teóricos, mas situações experienciadas dolorosamente na vida de John Bowlby.

Insatisfação e críticas à psicanálise

Após a sua formação, que envolveu a graduação em medicina na Universidade de Cambridge no final dos anos de 1920 e estudos sobre psicologia do desenvolvimento, Bowlby realizou trabalhos voluntários em escolas e instituições para crianças com problemas de adaptação social, decidindo, então, se dedicar à psiquiatria infantil. Paralelamente, iniciou seu treinamento em psicanálise sob a supervisão de Joan Riviere e Melanie Klein, no qual foi apresentado à teoria das relações objetais e às ideias kleinianas sobre as experiências de perda na infância (Bretherton, 1992).



John Bowlby.

No início dos anos 30, algumas vezes começaram a se voltar contra o domínio do pensamento psicanalítico e comportamental, no campo do desenvolvimento infantil. Harry Bawkin (1942), pediatra norte-americano e diretor do Bellevue Hospital, em Nova York, associou a mortalidade infantil à negligência nos cuidados afetivos com as crianças hospitalizadas. O hospital apresentava altas taxas de mortalidade, desnutrição e infecção. Mesmo com todos os cuidados relacionados à higiene sendo seguidos e também com a prescrição de dietas altamente calóricas, as taxas não se alteravam. Bawkin (1942) realizou mudanças na maneira das enfermeiras conduzirem o

tratamento, incentivando-as a acalentarem e abraçarem as crianças, o que na época era considerado um grande risco para infecções. Além disso, os pais também eram convidados a visitar e a ficar mais tempo com os filhos. Após essas intervenções, a mortalidade infantil decresceu de 35% para 10%. Bawkin atribuiu as modificações às alterações realizadas e à quebra do isolamento e da negligência afetiva com as crianças, tendo suas iniciativas apoiadas pelos editores do *British Medical Journal*. Outros estudiosos na área, como Edelston e Goldfarb, chegaram a conclusões semelhantes reforçando as ideias de Bawkin (Bakwin, 1942; Van der Horst & Van der Veer, 2008).

Mesmo dentro da própria comunidade psicanalítica, que estava em efervescência especialmente após a difusão do pensamento de Freud nos Estados Unidos, havia um forte debate interno sobre temas relacionados aos desenvolvimentos infantil e adulto. Durante o período entre a Primeira e Segunda Guerra Mundial, conceitos como o princípio do prazer, o papel traumático da sexualidade infantil na formação do trauma e as fases de organização da libido sobre a personalidade foram duramente questionados (Kenny, 2016).

Os sintomas neuróticos, inclusive os relacionados aos traumas de guerra, eram, até então, compreendidos como advindos da repressão das experiências relacionadas à sexualidade infantil. A ameaça à sobrevivência nas batalhas de guerra seria semelhante ao desamparo e à ansiedade da infância, funcionando como uma espécie de gatilho para a eclosão dos sintomas neuróticos reprimidos. A observação das chamadas neuroses de guerra ou crises nervosas em soldados (*shell shocks*) não pareciam ser compatíveis com essas explicações, instigando a influência da personalidade e do desenvolvimento progressivo nas desordens atuais para além da sexualidade traumática e dos conflitos edipianos na infância. Este debate levou o próprio Freud à reformulação de sua teoria com a introdução de conceitos como pulsão de vida, pulsão de morte e compulsão à repetição (Kenny, 2016; Van der Horst & Van der Veer, 2009).

A revisão não satisfez a todos, o que levou à continuidade do debate acalorado bem como a novas concepções teóricas. René Spitz (1945) merece destaque nesse cenário em função do seu trabalho inovador, já que foi pioneiro na busca da perspectiva observacional na psicanálise

desde metade dos anos de 1930, utilizando filmagens para o detalhamento do estudo da gênese das relações primárias e do desenvolvimento do psiquismo infantil.

Inicialmente, Spitz comparou crianças que estavam abandonadas pelas mães, mas alojadas em um orfanato limpo e estruturado e com cuidados de higiene e alimentação adequados, com crianças que estavam em um berçário de uma prisão para mulheres e que eram cuidadas pelas próprias mães. Enquanto as crianças do orfanato apresentavam menor nível de desenvolvimento físico e mental, as crianças da prisão tinham desenvolvimento normal. Spitz observou que crianças separadas da mãe sem uma substituta afetivamente disponível apresentavam rápida deterioração física e mental. Esta deterioração, por sua vez, também poderia ser recuperada de alguma forma, caso a separação cessasse. As crianças desenvolviam, segundo Spitz, um tipo de depressão específica chamada por ele de depressão anaclítica (do grego *anaclisis*, que significa apoiar-se) (Spitz, 1945).

Esses resultados iniciais foram confirmados em estudos posteriores (Spitz, 1946, 1951). Spitz observou bebês que foram amamentados e cuidados por suas mães e que, a princípio, não apresentavam alterações no desenvolvimento. Quando essas crianças ficavam internadas longamente em orfanatos, instituições ou hospitais, aos cuidados de pessoas que não tinham investimento afetivo com elas, acabavam apresentando declínios no desenvolvimento cognitivo, emocional e físico, ainda mais graves do que na depressão anaclítica, sendo então chamado por ele de síndrome do hospitalismo (Spitz, 1945).

Apesar de reconhecer a importância dos estudos de Spitz, Bowlby criticava a utilização de conceitos considerados por ele ultrapassados, como a ideia de narcisismo primário, bem como a utilização de ideias oriundas da teoria das pulsões. Sobre Anna Freud, outra teórica importante, considerava que esta, apesar de reconhecer o sofrimento da criança em situações de perdas, acreditava ser este processo breve e passageiro, sem se aprofundar adequadamente sobre o tema (Bowlby, 1988b, 1990).

A proposta da escola inglesa para a constituição do psiquismo, protagonizada por Melanie Klein, que tanto atraiu inicialmente o jovem

John Bowlby, tinha pouca ênfase na observação do real, atribuindo a sua gênese às fantasias da criança e aos conflitos internos. Bowlby, devido às suas experiências clínicas anteriores, acreditava serem as experiências reais e não apenas as fantasias, especialmente as relações observadas entre os membros da família, fundamentais para a compreensão do quadro clínico (Van der Horst & Van der Veer, 2009). Os conflitos entre as posições de Bowlby e Klein ficaram ainda mais evidentes quando Klein o proibiu de entrevistar os pais de uma criança que ele atendia, quando Bowlby ainda estava sob a supervisão dela (Bretherton, 1992).

A entrada da Inglaterra na Segunda Guerra Mundial em 1939, com a consequente evasão das áreas urbanas para o campo, especialmente de crianças separadas das famílias, fez com que Bowlby se unisse aos analistas Donald Winnicott e Emanuel Miler para escrever uma carta endereçada ao *British Medical Journal*, alertando para as graves consequências de longo prazo da separação, especialmente de crianças menores de 5 anos (Metcalf, 2010). Esse foi um momento de virada na carreira do jovem médico inglês. No ano seguinte, Bowlby ratificaria a importância da observação e do contato dos profissionais com as mães, e não apenas com as crianças. Assim, acreditava ser possível auxiliar os menores por meio da análise do vínculo das mães com sua família nuclear, caracterizando um caráter transgeracional na qualidade das relações na família. Data dessa época a análise dos 44 casos de jovens “delinquentes” ingleses, decorrentes da observação de Bowlby na London Child Guidance Clinic, instituição na qual trabalhou como voluntário entre 1937 e 1940, onde realizou análises detalhadas dos casos, relacionando os distúrbios emocionais ao histórico de privação de cuidados maternos (Bowlby, 1944; Bretherton, 1992).

A carreira ascendente do psicanalista inglês foi momentaneamente paralisada durante a Segunda Guerra Mundial, na qual Bowlby serviu como médico psiquiatra. Logo após esse período, Bowlby realizou pós-doutorado em psicologia e treinamento aprofundado em estatística e metodologia de pesquisa (Metcalf, 2010).

Das perdas aos vínculos: fases da separação

Em Londres, a clínica Tavistock havia se tornado o berço de novas ideias no desenvolvimento infantil, enfatizando a importância do ambiente inicial da criança com sua mãe e as respostas de ansiedade e depressão à separação entre elas. Bowlby continuava a estudar a relação entre saúde mental infantil e as práticas parentais quando foi convidado para dirigir o departamento infantil da clínica Tavistock, em 1948 (Bretherton, 1992).

Logo de início, Bowlby renomeou o departamento para Departamento de Crianças e Pais, realçando, assim, a importância da família. Em 1949, publicou o artigo intitulado “The study and reduction of group tensions in the family”, considerado o primeiro artigo contemporâneo em terapia de família, no qual descreve as relações entre as experiências infantis dos pais e os problemas na criança (Bowlby, 1949; Culow, 2007). Já se antecipando ao que viria a ser um importante tema da psicoterapia contemporânea, a regulação emocional, Bowlby considerava que uma das principais e mais difíceis tarefas dos pais é a de regular as emoções da criança, especialmente as relacionadas à raiva em direção a eles próprios. Permitir que a criança expresse suas emoções de uma forma adequada, sem puni-la, as levaria a explorar seus próprios sentimentos e a construir a noção de que os seus pais não temem suas explosões e, portanto, elas podem ser controladas. A importância do acompanhamento da família e de tratar os pais para tratar a criança se tornaram um dos pilares de toda a sua obra (Bowlby, 1997).

Os pais, especialmente a mãe, são, pois, pessoas muito caluniadas; receio que caluniadas sobretudo pelos profissionais, tanto médicos como profissionais de outras áreas afins. No entanto, seria absurdo pretender que os pais não cometessem erros. Alguns erros nascem da ignorância, mas talvez mais numerosos sejam os que são fruto dos problemas emo-

cionais inconscientes que têm origem em nossa própria infância... Os problemas surgem porque os próprios pais têm dificuldades emocionais de que só estão parcialmente conscientes e que não podem controlar. Por vezes, eles leram todos os livros mais recentes sobre cuidados com as crianças e assistiram a todas as conferências de psicólogos, na esperança de descobrirem a melhor maneira de lidar com seus filhos, mas, apesar disso, as coisas continuam saindo erradas... Parece evidente que os sentimentos que são despertados em nós quando nos tornamos pais têm muito em comum com os sentimentos que foram suscitados em nós, quando crianças, por nossos pais e irmãos. A mãe que sofreu privação pode, se não se tornou incapaz de sentir afeição, experimentar uma intensa necessidade em possuir o amor do bebê e fazer tudo o que estiver ao seu alcance para assegurar-se de que o obtém... Aqueles que na infância experimentaram intensa ambivalência em relação aos pais ou irmãos e que recorreram então, inconscientemente, a mecanismos primitivos e precários de resolver o conflito estão despreparados para a renovação do conflito quando se tornam pais... Se o nosso pensamento é correto, então a família com um novo bebê é um ponto estratégico para quebrar o ciclo maligno de crianças perturbadas que, por sua vez, lidam com seus filhos de tal modo que a geração seguinte desenvolverá as mesmas perturbações ou outras semelhantes. (Bowlby, 1997, pp. 15-17).

Como parte do seu departamento em Tavistock era composto por analistas de formação kleiniana, Bowlby decidiu criar seu próprio grupo de pesquisa para estudar as relações entre as crianças e a família e, em especial, os efeitos da separação entre elas e suas mães. Com este objetivo, contratou James Robertson, que já havia trabalhado com Anna Freud, para fazer parte de sua equipe de trabalho. Robertson estudara crianças inglesas entre 2 e 3 anos de idade em hospitais, que haviam passado uma temporada fora do lar sem uma substituta estável em relação à figura

materna, descrevendo diversas desordens comportamentais quando retornavam às suas casas. É importante frisar que, na Inglaterra da época, as crianças eram internadas em hospitais para tratamentos por longos períodos mesmo para cirurgias simples, em função das limitações técnicas da medicina. Além disso, os pais não eram admitidos em hospitais sob a alegação, por parte de médicos e enfermeiros, do risco de infecções cruzadas. As crianças eram acusadas de ficarem “excessivamente” instáveis emocionalmente quando da visita dos pais, sendo isso supostamente “prejudicial” à sua recuperação (Bretherton, 1992; Metcalf, 2010).

A partir das observações empíricas e de filmagens, Bowlby e Robertson escreveram influentes artigos, nos quais descreveram que a resposta da criança à separação da mãe passava por três fases previsíveis: protesto, desespero e negação (posteriormente, esta última teve seu nome modificado por Bowlby para desapego) (Bowlby, 1990, 1997; Robertson & Bowlby, 1952), conforme apresentado no Quadro 1.1.

Na fase de **protesto**, a criança chora de maneira estridente e agitada, procurando reencontrar a mãe de forma incessante, com um comportamento sugerindo a expectativa presente de que a mãe irá voltar, olhando ansiosamente para vultos e sons, sendo capaz de rejeitar quaisquer figuras que se ofereçam como alternativa para consolo ou que façam algo por ela. Pode começar imediatamente e durar de horas a dias.

Com a continuidade da separação, surge a fase de **desespero**, na qual o comportamento da criança já mostra uma desesperança, apesar da preocupação com a presença/ausência da mãe ainda estar presente. Esta desesperança é demonstrada por menores movimentos físicos e por um choro monótono e lamentos intermitentes. A maior quietude e retraimento sugerem, erroneamente, que a criança está menos aflita. As fases de protesto e desespero podem se alternar.

Mantendo-se ainda a separação entre a criança e a mãe, entra em cena a fase de **negação/desapego**. A sugestão também é a de uma recuperação aparente, em comparação ao movimento iniciado na fase de protesto: a criança aceita os cuidados das enfermeiras, presta mais atenção ao ambiente, sendo mais sociável. Essa recuperação, porém, não é verdadeira, pois quando da visita da mãe, a criança passa a tratá-la de

maneira distante, indiferente, perdendo o interesse nela (Bowlby, 1990, 1998a, 1998b). Essa situação tão dramática é descrita brilhantemente por ele, em um dos trechos mais impactantes da sua obra:

Quando a permanência da criança no hospital ou instituição residencial for prolongada e ela tiver, como é usual, a experiência de apegar-se transitoriamente a uma série de enfermeiras, cada uma das quais a deixa, repetindo-se, desse modo, a experiência da perda original da mãe, ela, com o tempo, agirá como se nem os cuidados maternos nem o contato com outros seres humanos tivesse muito significado... Tornar-se-á cada vez mais egocêntrica e, em vez de dirigir seus desejos e sentimentos para as pessoas, passa a preocupar-se apenas por coisas materiais como doces, brinquedos e alimentação... Ela permanecerá alegre e adaptada à sua situação incomum e aparentemente dócil e sem temor de qualquer estranho que se acerque. Mas essa sociabilidade é superficial; ela simplesmente deixou de importar-se com toda e qualquer pessoa. (Bowlby, 1990, p. 31).

QUADRO 1.1 Fases da separação

Protesto	Desespero	Desapego
Choro estridente e comportamento agitado e incessante para reencontrar a mãe. Expectativa de que ela irá retornar a qualquer momento. Rejeição de figuras alternativas à mãe. Ansiedade.	Menor agitação psicomotora. Lamentos e choros intermitentes, Apesar da menor agitação sugerir melhora, a preocupação com a ausência da mãe ainda está presente. O que ocorre, na verdade, é que a criança passa a revelar alguma desesperança pelo retorno da mãe.	Aparente recuperação aceitando cuidados de terceiros e maior socialização. Quando a mãe retorna, porém, passa a tratá-la de maneira indiferente, perdendo o interesse nela.

A descrição dessas fases demonstra a preocupação de Bowlby com a interação entre comportamento e motivações, buscando olhar para além da descrição do fenômeno observado. No mesmo ano da publicação deste artigo, Robertson divulgou o filme realizado no hospital, intitulado *A Two Year-Old Goes to Hospital*, relatando os efeitos da separação da mãe em uma criança hospitalizada, o que acabou gerando grande impacto nos cuidados dedicados às crianças em ambiente hospitalar na Inglaterra da época (Bowlby, 1990).

Posteriormente, o governo inglês, ainda influenciado pela grande repercussão deste trabalho, decidiu investigar as condições das crianças em hospitais e enfermarias, no que ficou conhecido como o Relatório Platt, em 1959, conduzido pelo cirurgião Harry Platt. O relatório, apesar da oposição de parte da classe médica e de enfermeiros, sugeria diversas modificações, entre elas a admissão das crianças em hospitais com membros da família, gerando uma verdadeira revolução pela humanização do tratamento dado aos pequenos em hospitais, mobilizando também a sociedade civil, revolução que se espalhou para outros países (Alsop-Shields & Mohay, 2001). Os cuidados humanizados em hospitais, devem muito, portanto, ao trabalho de Bowlby e Robertson.

Enquanto Bowlby se dedicou ao desenvolvimento teórico e à psicologia do desenvolvimento, Robertson continuou a disseminar as conclusões encontradas nesses estudos por vários anos, em uma verdadeira cruzada pela busca da humanização e dos bons tratos com as crianças em hospitais e enfermarias. Ainda falando da influência do trabalho de ambos, as conclusões de suas observações foram visionárias não apenas nos aspectos relacionados à humanização. Robertson e Bowlby sugeriram que crianças criadas em famílias disfuncionais não deveriam ser retiradas do núcleo familiar, mas permanecer junto dele enquanto se realizavam intervenções para aliviar os problemas familiares, antecipando-se, assim, às políticas sociais que se solidificariam somente décadas depois (Alsop-Shields & Mohay, 2001).

Vários pesquisadores que viriam a se tornar importantes colaboradores no desenvolvimento da Teoria do Apego começaram a se juntar à Bowlby, como a própria Mary Ainsworth (que havia se mudado de

Toronto para Londres, para acompanhar o marido e completar seu Doutorado), Rudolf Schaffer e Christoph Heinicke (Bretherton, 1992).

Em 1950, Bowlby foi contratado pela Organização Mundial da Saúde para escrever sobre as necessidades das crianças sem lar, como aquelas institucionalizadas e que necessitavam de lares substitutos, excluindo-se deste grupo as crianças refugiadas de guerra ou de outras calamidades. Bowlby visitou e participou de discussões com os pesquisadores e clínicos mais influentes da época, como René Spitz, William Goldfarb, Erik Erikson, Julian Huxley, Konrad Lorenz, Margaret Mead e Jean Piaget, em diversos países da Europa e nos Estados Unidos, aproveitando para consolidar e divulgar as suas ideias. O estudo gerou um relatório extenso e o livro *Maternal Care and Mental Health*, de 1951 (Van der Host, 2011; Bowlby, 2017). Este livro teve uma segunda edição em 1965, com capítulos adicionais revisados por Mary Ainsworth. No Brasil, o livro foi publicado sob o título *Cuidados maternos e saúde mental* (Bowlby, 1988c).

Mesmo sem uma teoria ainda consolidada, a relação entre psicopatologia, saúde mental e qualidade dos cuidados na infância está presente em todo o livro. Apesar do sucesso, a obra foi alvo de muitas críticas, especialmente daqueles que não entenderam o conceito de relação contínua e duradoura para descrever os laços entre a mãe, ou figura substituta, e a criança, como se todas as crianças de mães que trabalhassem fora tivessem, necessariamente, privação de carinho e cuidados. O que Bowlby argumentava era que a saúde da criança estava relacionada à existência de alguém especial que seria responsável por prestar a maior parte dos cuidados necessários à ela, não apenas físicos, mas também emocionais. Esta figura poderia ser também uma avó, avô, babá, tia da comunidade, ou qualquer outra pessoa cuja relação com a criança fosse de boa qualidade e também com quantidade de tempo suficiente para a criação de vínculos seguros. Caso os pais, por quaisquer motivos, tivessem que delegar a outra pessoa este papel, a relação afetiva principal da criança poderia ser com esta nova figura que fornecesse cuidados e não necessariamente com a mãe.

No caso de alguma figura alternativa aos pais ocupar este lugar, Bowlby realçava que a interrupção da relação tenderia a ser vivenciada

pela criança como uma grande perda. Os pais deveriam ficar atentos, pois seria extremamente perigoso tratar aqueles que cuidam dos seus filhos apenas como um trabalhador que pode ser contratado ou demitido. A criança desenvolve laços afetivos e, quanto maior o laço, maior a perda (Bowlby, 1988b, 1988d).

A questão central para Bowlby, porém, não era condenar os pais (na época especialmente as mães) que não podiam se dedicar adequadamente às crianças. Não existe cuidador perfeito. Os pais trazem consigo modelos afetivos e cognitivos decorrentes da forma como foram tratados pelos seus cuidadores. Além disso, os contextos socioeconômico e cultural precisam ser considerados para que não ocorra uma maneira ingênua e idealizada sobre a criação dos filhos. É simplista demais exigir que uma mulher pobre que precisa trabalhar horas a fio para garantir o sustento da família chegue em casa com toda disposição e animação possível para brincar com os filhos. O já mencionado impacto na forma como os cuidadores criam os filhos também tem relação com as condições socioeconômicas nas quais se desenvolveram. Neste livro, entendemos a necessidade de articulação constante entre a biologia e os contextos social e econômico de desenvolvimento dos indivíduos.

O objetivo inicial de Bowlby era afirmar a busca de contato e proximidade entre os seres humanos como uma necessidade primária da espécie ao longo de toda a vida. Posteriormente, à medida que o autor encontrou na etologia o suporte para as suas concepções teóricas, isso foi sendo mais bem elaborado. Seu entendimento era de que a cultura vigente precisava compreender a necessidade biológica de contato, tornando-se um visionário ao sugerir que as mães deveriam receber suporte financeiro do governo durante os três primeiros anos de vida da criança, de forma que pudessem se dedicar à ela em tempo integral (Bowlby, 1958).

Insatisfeito com os modelos psicanalíticos para explicação das reações das crianças às perdas, bem como da compreensão do desenvolvimento, Bowlby iniciou sua cruzada particular para a construção de uma alternativa teórica para as conclusões que relacionavam as desordens da infância às experiências de separação das mães e à privação afetiva. Ao

estudar as perdas, ele se deparou com a importância dos vínculos. Apesar de existirem fatores importantes, como os suportes social e afetivo, que se oferecem a uma criança em sofrimento em função de perdas, a qualidade dos laços afetivos com seus familiares é bastante impactante na forma como ela irá significar a ausência destes.

A fim de montar esse complexo quebra-cabeça, Bowlby passou a se debruçar sobre as teorias provenientes de diferentes disciplinas, como etologia, cibernética, sociologia e psicologia cognitiva, em uma abordagem sistêmica. A partir da criação de conexões entre essas disciplinas, mas sem se distanciar das observações clínicas com crianças realizadas por colegas próximos e membros de sua equipe, foi construindo seu próprio modelo de compreensão, conjugando teoria e prática, tornando gradativamente suas ideias acessíveis para clínicos e pesquisadores e também para os formuladores de políticas públicas (Ainsworth & Bowlby, 1991; Metcalf, 2010).

Referências

- Alsop-Shields, L. & Mohay, H. (2001). John Bowlby and James Robertson: Theorists, scientists and crusaders for improvements in the care of children in hospital. *Journal of Advanced Nursing* 35, 50-58.
- Bakwin, H. (1942). Loneliness in infants. *Am J Dis Child*. 1942; 63(1):30-40. doi:10.1001/archpedi.1942.02010010031003.
- Beckes, L., Coan, J. A., & Morris, J. P. (2013). Implicit conditioning of faces via the social regulation of emotion: ERP evidence of early attentional biases for security conditioned faces. *Psychophysiology* 50, 734–742. doi: 10.1177/0956797610368061.
- Bowlby, J. (1944). Forty-four juvenile thieves: their characters and home-life. *The International Journal for Psycho-Analysis*, 25(19–53), 107–128.
- Bowlby, J. (1958). Can I leave my baby? Recuperado em 15 de junho, 2019 de http://pediatros-thes.gr/wp-content/uploads/2013/09/bowlby_can-I-leave-my-baby_1958.pdf
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda, Vol 1. Apego: a natureza do vínculo* (2a ed). São Paulo: Martins Fontes.

- Bowlby, J. (1997). *Formação e rompimento dos laços afetivos* (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1998a). *Apego e perda, Vol. 2. Separação: angústia e raiva* (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1998b). *Apego e Perda, Vol 3. Perda: tristeza e depressão* (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1988c). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1988d). *A secure base*. New York: Basic Books.
- Bowlby, R. (2017). Growing Up with Attachment Theory—A Personal View. *Psychodynamic Psychiatry: 45*, Special Issue: Neurobiology of Attachment, pp. 431- 439. Recuperado de <https://doi.org/10.1521/pdps.2017.45.4.431>
- Bretherton, I. (1992) The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental psychology*, (28), 759-775.
- Carter, C. S. (2014). Oxytocin pathways and the evolution of human behavior. *Annu. Rev. Psychol.* 65, 17–39. doi: 10.1146/annurev-psych-010213-115110.
- Culow, C. (2007) John Bowlby and couple psychotherapy, *Attachment & Human Development*, 9:4, 343-353, doi: 10.1080/14616730701711557
- Fontes, Flávio Fernandes. (2008). O conflito psíquico na teoria de Freud. *Psychê*, 12(23) Recuperado em 21 de junho, 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200011&lng=pt&tng=pt.
- Kenny, D. T. (2016). A brief history of psychoanalysis: From Freud to fantasy to folly. *Psychotherapy and Counselling Journal of Australia*. Recuperado em 21 de junho, 2019 de <http://pacja.org.au/?p=2952>.
- Metcalf, G. S. (2010) John Bowlby: Rediscovering a systems scientist. Recuperado em 21 de junho, 2019 de <http://iss.org/world/the-work-of-john-bowlby>.
- Porges, S. W. (2011). *The Polyvagal Theory: Neurophysiological Foundations of Emotions, Attachment, Communication and Self-regulation*. New York, NY: WW Norton.
- Robertson J. & Bowlby J. (1952) Responses of young children to separation from their mothers. *Courrier Centre International de l'Enfance* 2, 131-142.
- Spitz, R. A. (1945). Hospitalism: An inquiry into the genesis of psychiatric conditions in early childhood. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 1, 53–74.
- Spitz, R. A. (1946). Hospitalism: A follow-up report on investigation described in volume I, 1945. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 2, 113–117.

Spitz, R. A. (1951). The psychogenic diseases in infancy: An attempt at their etiologic classification. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 6, 255–275.

Van der Horst, F. C. P. (2011). *John Bowlby - From Psychoanalysis to Ethology: Unravelling the Roots of Attachment Theory*, Oxford, Uk: Wiley-Blackwell.

Van der Horst, F. C. P., & Van der Veer, R. (2009). Separation and divergence: The untold story of James Robertsons and John Bowlby's theoretical dispute on mother-child separation. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, Vol. 45(3), 236–252. Watson & Watson (1928). *Psychological care of infant and child*. New York: Norton.